

O ESPÍRITO AMERICANO: A CONSTRUÇÃO HISTÓRICA DO NACIONALISMO AMERICANO PROPAGADO NO PROCESSO DE INDEPENDÊNCIA E SUA PERPETUAÇÃO NAS PRODUÇÕES AUDIOVISUAIS

Alex Junio Marques de Araújo
Autor – Universidade Estadual da Paraíba – e-mail: alexdquitt60@gmail.com

Adailton Gonçalves Medeiros
Co-autor - Universidade Estadual da Paraíba – e-mail: adailton_crvg@outlook.com

ST 15: História e Linguagens: Literatura, Cinema e Música

RESUMO: O presente trabalho propõe uma análise histórica da construção do homem americano, ou seja, do que é ser americano e qual o sentimento de unificação e de ideais que fazem da sociedade americana um exemplo de unidade e de modelo para demais sociedades. Esse modelo de nação é configurado desde o processo de independência, na unificação da nação e propaga-se até o século XXI através tanto do predomínio dos Estados Unidos na política global quanto na personificação gloriosa do americano nas obras audiovisuais que exaltam o “espírito americano”. Objetiva-se, assim, analisar a construção histórica da identidade americana de acordo com alguns autores que escreveram sobre o tema Estados Unidos, como Pedro Tota e Leandro Karnal, além de autores que estudaram os heróis norte-americanos, entender como as pessoas carregam o “espírito americano”, tanto no processo de independência quanto nas configurações de perpetuação atuais da “chama americana”. Neste trabalho analisaremos a construção ideológica da figura do Capitão América, criado predestinadamente para se solidificar como a personificação do espírito americano, um verdadeiro elo de ouro entre os valores pregados pelos “pais fundadores” e a perpetuação destes valores nacionalistas para os americanos do século XXI. Steven Rogers, um jovem moço que possuía o desejo de lutar a favor de sua pátria contra o nazismo, suas várias tentativas de se tornar um soldado norte-americano, até se tornar um supersoldado representante da soberania estadunidense. Se o patriotismo é definido como exercício de devoção absoluta à pátria e os Estados Unidos da América é um modelo mundial de tal conduta, o objetivo deste estudo é perceber através destas fontes de pesquisa como esse ideal cívico e nacionalista é construído e propagado de forma tão contundente que perpassa os séculos e transcende o esquecimento da memória. Os yankees incontestavelmente construíram um elo que aparentemente conecta os civis desta nação desde sua independência, essa construção é diária e histórica e chegou ao século XXI como este artigo esmiuçarà nas páginas a seguir.

Palavras-chave: Identidade. EUA. Capitão América e Cinema.

1. INTRODUÇÃO

“Você é um herói americano”

(Capitão América: O Primeiro Vingador)

Podemos observar em grandes nações ou pequenos estados que após o movimento de libertação da colonização de um povo tem-se a necessidade da personificação de uma identidade, muitas vezes baseada na construção de heróis e marcos temporais que vão padronizar o comportamento moral, social e ético dos patriotas civis dessa nação. Foi assim, por exemplo, que o Instituto Histórico Geográfico Brasileiro (IHGB) produziu a historiografia brasileira, da mesma maneira o Instituto Histórico Geográfico Paraibano (IHGP) quando baseou a identidade do paraibano como o heróico povo que lutou bravamente pela república e foi também como Simón Bolívar se personificou como exemplo e desejou que se alastrasse aos demais habitantes da Grã-Colômbia o sentimento de liberdade das garras coloniais, de moral e de padrão civil.

O espaço político denotado como “Estados Unidos da América” formulou-se num entrave entre grandes nações e os embates entre Inglaterra, França e Espanha se denotaram talvez como as maiores influências que formularam a construção social, política e cultural da maior nação das Américas. A Inglaterra, como observa Karnal (2007), foi o modelo original em diversos setores sociais, a metrópole de outrora legou aos americanos diversas influências que se podem observar no processo de formação da independência americana. Se a metrópole inglesa durante sua guerra contra o inimigo francês se unificou no pensamento sobre o que era ser inglês, dando início ao chamado “esplêndido isolamento¹”, igualmente o fizeram as colônias americanas que mesmo com as diversidades étnicas, econômicas e culturais entre as colônias do Norte e as do Sul, ao menos no movimento de independência se unificaram para garantir a autonomia do movimento perante o colonizador fazendo florescer a independência da nação.

No processo de independência, observamos naturalmente a emergência de figuras que vão se singularizar na história de suas nações. Mas quais as importâncias desses marcos temporais? Qual a representatividade de um simples homem na construção do ideal civil de uma nação que caminha para a independência? Tentaremos neste artigo esmiuçar a importância dessas representatividades na identidade de uma nação levando em consideração os fatores políticos envolvidos nas construções dos mesmos, visto que no processo de

¹ Denominação dos ingleses que se refere ao seu relativo isolamento do restante do continente.

emergência desses heróis estadunidenses (Washington, Benjamim Franklin, Tomás Jefferson e outros) evoca-se toda uma conjuntura de fatores que unificassem a nação, atentando-se ainda para rejeição do colonizador e para o nascimento do patriotismo que vai ser o combustível que sustentará a nova nação e que acabou por construir um exemplo de sociedade baseada no nacionalismo.

Podemos, então, sintetizar que o nacionalismo é evocado na construção da identidade americana através do movimento unificador das colônias e essa unificação, que deixou de lado diversos entraves políticos e econômicos que por séculos permearam as colônias da “Nova Inglaterra”, acabou por ser singularizada no sentimento de pertencimento a um espaço social. O patriotismo, se o definirmos como o exercício do nacionalismo que buscavam os revolucionários do movimento da independência americana estava, então, atrelado aos grandes nomes que guiavam esses movimentos. Os heróis americanos singularizam mais que a representatividade do que era ser americano, representaram também a luta pela autonomia, o sangue derramado e principalmente os valores que deveriam ser seguidos na emergência iminente do Estado-Nação.

Os Estados Unidos independente figuravam, então, como uma nação consolidada nos seus ideais revolucionários, as ideias iluministas permeavam a jovem nação e o sentimento de gratificação aos heróis, aos marcos temporal e principalmente a união da nação configurariam a jovem nação numa solidez tão nítida que sua sociedade é exemplificada como representação de idealismo social até os dias atuais em esferas econômicas, políticas e nacionalistas. Esse fato se deve a representatividade dos Estados Unidos na política mundial, a sua soberania em guerras e disputas contra a Rússia e China para se consolidar como maior nação do mundo fazendo sobreviver o espírito americano perpetuamente não somente no âmbito político, mas também nas propagandas audiovisuais produzidas desde 1941 ou até mesmo antes, que fazem com que a chama do espírito americano acesa em 1776 permaneça incendiando os corações das novas gerações.

Estudar as obras audiovisuais como elo entre os valores nacionalistas dos pais fundadores e os civis do século XXI perpassa, obviamente, por uma análise do próprio cinema como fonte histórica. Para Cristiane Nova (1996) apenas a partir da década de 1970 os filmes passam a ser considerados como fonte historiográfica. Nesse sentido, a *Escola dos Annales* é a responsável para esse novo olhar de métodos e fontes para a nova historiografia. Marc Ferro, um dos principais autores sobre a temática “História e Cinema” escreveu diversos artigos e livros sobre o tema desde a crítica do documento escrito na obra *Société du XX siècle et histoire cinématographique*, até a crítica dos próprios historiadores quanto ao uso dos

filmes como fonte. Tratando de historiografia do cinema norte-americano, a historiadora Sheila Schvarzman no seu trabalho *Cinema Brasileiro: História e Historiografia*, aponta que desde os anos de 1920 já se notava a presença de historiografia no cinema com nomes como Lewis Jacob, narrando uma história com teor otimista, a figura dos heróis pioneiros eram evocados, desde então notasse no cinema norte-americano a marca do negócio, de atrair o público, “como ele foi sempre pensado primordialmente como um negócio que devia render” Schvarzman (2008, p. 5).

Embora toda essa problemática entre História-Cinema, segundo Cristiane Nova, desde que o filme corresponda “a um vestígio de um acontecimento”, “todo filme é um documento”, nesse sentido, analisar a construção dos heróis americanos, em busca do fortalecimento de uma identidade, em busca do sentimento de pertencimento de uma nação é o objetivo deste trabalho, entender qual o sentido da construção do personagem Capitão América e sua função de elo entre os pais fundadores e os civis do atual século.

Logo é necessária ainda uma indagação: qual a conexão das produções artísticas e cinematográficas com os valores dos heróis do movimento de independência americano? Se observarmos o momento em que vivemos podemos entender a valorização dessas obras para a unificação de uma nação, vivemos no que muitos sociólogos chamam de “modernidade líquida”², onde os valores são cada vez mais superficiais e esses movimentos de produções artísticas e cinemáticas que valorizam o homem americano nas telas hollywoodianas acabam por criar um elo imensurável de perpetuação, onde os valores pregados por figuras como George Washington, Thomas Jefferson dentre outros permaneçam vivos de uma forma ou outra espelhados em “novos heróis” como o doce e corajoso Steve Rogers, ou como os novos americanos popularmente o conhecem: Capitão América.

Esses valores construídos no processo de independência de qualquer nação perpassam imperceptivelmente de geração à geração, o espírito americano de heroísmo e grandeza parece inesgotável, cabe a nós analisar quais os valores que a sociedade americana faz figurar atualmente em um processo notório de valorização da memória, da cultura e da identidade de uma nação. A análise da construção da identidade americana através dos heróis no objeto de pesquisa aqui trabalhado se apoia, por fim, no movimento de unificação tão desejado por nós brasileiros ao quais os Estados Unidos parecem tão sólidos. Se essa unificação é verdadeira ou aparente não cabe aqui o julgamento, mas o fato é que os valores da independência americana parecem ainda permanecerem vivas e propagadas pelos civis do século XXI.

² Conceito de Zygmunt Bauman em seu livro que leva o próprio nome do conceito “Modernidade Líquida”

2. O PROCESSO DE INDEPENDÊNCIA: O HOMEM AMERICANO E SUA LUTA PATRIÓTICA PELA NAÇÃO UNIFICADA

Os processos envolvidos no movimento de independência americano são singulares e quase que inacabáveis, mas para uma compreensão dos fatos que buscamos elucidar neste artigo tomamos como base o episódio da derrota britânica em Yorktown³ que singulariza talvez a primeira grande vitória dos patriotas perante o colonizador no movimento de separação. O patriotismo e a construção da identidade americana perpassam justamente na análise das mínimas combustões que acabaram por calhar na grande “explosão” que foi a independência americana. É preciso compreender as posições e a situação, principalmente dos maiores envolvidos nesse processo (os patriotas, ingleses, franceses e espanhóis) tão logo, perceber como cada episódio foi ganhando forma para lentamente desgarrar uma nação do patamar de colônia para então dar a liberdade ao referido povo. Os processos de guerrilhas, junto a outros inúmeros fatores esclarecem como os episódios vão ocorrendo até o estopim final. Em Yorktown, por exemplo, o triunfo significou o início de uma emblemática vitória dos americanos que buscavam a independência para com os colonizadores. Porém muito ainda devia ser guerrilhado para o sonho ser consumado.

Nessa vitória impactante dos patriotas perante os colonizadores, a figura de George Washington foi emblemática. O primeiro presidente dos Estados Unidos simbolizou-se como o homem que confiou na grandeza e na força dos seus aliados para combater o domínio do colonizador, e a audácia desse líder rebelde fez com que em Londres a notícia da derrota em Yorktown fizesse com que a nação começasse a perceber que a luta na América estava se configurando em uma insensatez política e financeira, tamanho os gastos para a repressão dos movimentos rebeldes.

Os Estados Unidos passavam a incomodar demais a colônia, ademais, começavam também a ganhar notoriedade no campo político e econômico. Podemos analisar este fato através do apoio unificante das colônias, da figuração e dos interesses franceses em abalar o predomínio britânico nos Estados Unidos apoiando em determinados episódios os rebeldes, assim como também na emergência de personagens que orgulhosamente tomavam as rédeas e representavam o povo americano. O fato aqui evocado é que o espírito americano estava então

³ Nessa batalha, forças rebeldes dos Estados Unidos foram apoiadas pelos franceses na luta contra o domínio britânico. Seus principais comandantes foram George Washington e Marquês de La Fayette.

se consolidando: a união, a coragem e a luta estavam se arraigando ao espírito dos civis da nova nação.

Podemos denotar a identidade e a representação de um herói nessa construção do chamado “espírito americano” quando observamos as condições em que George Washington guerreou pelo interesse de sua nação. Segundo Middleton (2013), as condições dos patrióticos que peleavam pelo sentimento nacionalista de união era demasiadamente precária e enfrentavam severas condições, exaltando a coragem e a determinação desses “pais fundadores” que desafiaram a grande nação colonizadora britânica.

No início de abril de 1782, Washington notou que o exército tinha enorme necessidade de roupas e calçados. O recrutamento também estava sendo negligenciado. Quando Washington consultou seus oficiais, em 15 de abril, quando á campanha seguinte, ele informou que o exército tinha apenas 8 mil homens, incluídos guardas e guarnições. Mesmo com os 4 mil homens de Rochambeau, os aliados mal se equiparariam á guarnição de Nova York. Além disso, de acordo com Lafayette, era pequena a possibilidade da chegada de ajuda da França, pois prevalecia a opinião de que os Estados Unidos deveriam fazer mais por si mesmos. (MIDDLETON, 2013, p. 352-353).

As resistências dos patriotas estavam banhadas nas cores da nação independente, nos heróis que moviam o homem americano na sua luta pela nação unificada em seus ideais e no desejo de viver em um lar onde a liberdade e a democracia não estivessem premeditadas à forças europeias. Os heróis americanos entram nesse debate para a defesa do esfacelamento territorial americano, juntando os povos em seus ideais nacionalistas e não permitindo que suas terras fossem ainda mais roubadas pelos colonos.

As petições dos envolvidos (França, Inglaterra e Espanha, principalmente) no processo de reconhecimento da independência americana estavam atreladas a pedidos de concessões de terras ou privilégios comerciais nas relações com a nova nação, e isso gerou inúmeros embates que retardaram a separação enfática das colônias das mãos dos colonos. A luta dos patriotas foi árdua, longa e exacerbadamente diplomática (quando não possível, a luta armada e a coragem foram os combustíveis) para fazer com que os Estados Unidos pudessem, enfim, se tornar uma nação.

O fenômeno da proclamação da independência americana em 1766 foi uma reação às medidas adotadas pela até então metrópole inglesa para com as políticas nas colônias, que desagradavam demasiadamente à população. E é nessa perspectiva que floresce o nacionalismo americano, visto que havia uma clara distinção entre as colônias do Norte e do Sul que tinham posições bem opostas em relação à separação, mas o consenso de unificação mesmo que demorado foi enfático quando os abusos dos colonizadores passaram a serem

insuportáveis. A coroa britânica sufocava cada vez mais suas colônias, em busca do engrandecimento da metrópole, e com isso acabou afetando a sociedade colonial e despertando o movimento de repressão a essa política.

A Lei do Selo⁴, os Atos Townshend⁵ e as tentativas de implantar o mercantilismo nas colônias acabaram por fortificar movimentos de revoltas, boicotes, propiciando massacres e, ainda mais importante, criava uma repulsa e um ódio ao colonizador inglês que teria reflexo na construção da identidade americana, uma construção voltada à valorização do seu espaço social e, para a defesa dos direitos dos homens livres, a Inglaterra incentivava aos poucos o processo de independência americana.

O homem americano que possuía em seu espírito o anseio revolucionário lutava pela sua liberdade, sua propriedade e até mesmo pela sua vida considerando que as revoltas ocorridas em protestos às decisões da metrópole muitas vezes ceifavam as vidas de muitos colonos. Compreender o nacionalismo americano no processo de independência perpassa no movimento de entender que mesmo com as dualidades entre as Colônias do Norte e do Sul, a primeira bem mais ligada inicialmente ao desejo de separação em comparação com a segunda, houve um patriotismo evidente no movimento de repressão às atitudes da metrópole, fazendo com que os representantes das colônias se unificassem na luta contra os inimigos.

Essas lutas das colônias voltadas a um inimigo em comum fizeram com que o nacionalismo, mesmo que diante das rivalidades entre as 13 colônias, florescesse. Ademais o movimento criou diversos heróis que figuraram como representante da luta dos americanos, tais como, Benjamim Franklin, Thomas Jefferson e George Washington, que carregavam o idealismo da coragem e da força do homem americano. Suas representações simbolizavam não apenas o que chamamos de “identidade americana”, mas representavam também as memórias de todos aqueles que derramaram seu sangue sobre o “altar da liberdade”, como cita Abraham Lincoln *a posteriori* em outros eventos históricos. Acerca da representação e do jogo de memórias envoltos nas configurações dos heróis americanos, Leandro Karnal (2007) em seu ensaio intitulado *História dos Estados Unidos: das origens ao século XXI* enaltece como a sociedade americana usa essas figuras como ideais cívicos e morais para a perpetuação dos valores americanos para a posterioridade:

⁴ Aprovada em 1765, estabelecendo que todos os documentos em circulação na colônia americana deveriam receber selos provenientes da metrópole. Determinava que todos os jornais, livros e documentos publicados nas colônias deveriam pagar uma taxa, o que implicava mais as despesas para os colonos. Foi revogada em 1766.

⁵ Atos Townshend é o nome dado a dois tributos propostos por Charles Townshend que foram aprovados pelo Parlamento da Grã-Bretanha a 29 de junho de 1767. Dissertavam sobre impostos a serem cobrados por itens de consumo muito comuns, como o chá, o vidro, o papel e outros, e sobre o estabelecimento de tribunais alfandegários nas colônias.

A tradição política e historiográfica norte-americana elegeu alguns homens como “pais da pátria” ou “pais fundadores”. Eles figuram, com rostos felizes, nas também felizes notas de dólar. George Washington e Benjamim Franklin são os dois mais destacados. (KARNAL, 2007, p. 90).

A chama do espírito americano brilhava mais do que nunca com a Declaração da Independência, a separação era um movimento extremamente audacioso e fez com que os heróis emergissem. Declarar a independência só foi possível a partir na unificação das colônias, pois era necessário que todos os americanos estivessem prontos para defender seu movimento já que a repressão por parte da antiga metrópole seria iminente. Negava-se a Inglaterra como mãe-pátria e a partir de agora os americanos guiariam seu próprio caminho, ser americano era ser contra o autoritarismo, era pensar grande e acima de tudo não se sujeitar jamais a ser explorado por nenhuma outra nação, com isso os ideais da sociedade e do homem americano estavam solidificados.

3. PROPAGAÇÃO DO ESPÍRITO AMERICANO: DA INDEPENDÊNCIA AS TELINHAS.

Os Estados Unidos após a independência emergem como uma grande e expoente nação com sua política intervencionista e voltada aos seus interesses. É ademais, a maior nação das Américas, sua política e sua sociedade serão exemplos de progresso e de padrão para outras sociedades. Dos povos e nações que exploraram e estavam no tratado de independência talvez a França tenha alcançado seu principal objetivo que era enfraquecer as colônias do seu inimigo histórico. A Espanha lentamente e após seus interesses serem atenuados acabou por ratificar sua posição favorável ao processo de independência, com isso deixando o caminho livre para os Estados Unidos caminharem com suas próprias pernas. Os interesses de nações como França, Espanha e Inglaterra foram criando pequenas explosões até que as colônias buscassem a independência travada por inúmeras guerras que caracterizam tanto a historiografia americana quanto os heróis dessas guerras que viriam a serem padrões nacionalistas de moral, ética e de representatividade do espírito americano.

Esse espírito americano, essa noção de grandeza que era ser americano, propagou-se com a crescente nação que se expandia ao piscar de olhos. A jovem nação não se intimidou em se consolidar rapidamente como uma das maiores potências da América e conseqüentemente de ser a referência de todo o continente americano, e isso foi propiciado pelos ideais nacionalistas conquistados no processo de independência, ou seja, o orgulho de

ser americano era maior que o vazio cultural que pouco se sentiu após a separação dos Estados Unidos de sua antiga metrópole.

Para exemplificarmos como o vazio cultural pós-independência pode ser notório, é imprescindível analisar a obra de Carlos Fuentes intitulada *O espelho enterrado*, em que o autor analisa o processo de independência em outras sociedades latino-americanas e observa que o espelho que reflete as heranças dos colonizadores na cultura das sociedades analisadas é propositalmente soterrado pelo processo de ruptura da independência deixando as sociedades sem “se enxergarem”, questionando-se até mesmo quem eram na verdade. Fuentes enuncia que o reconhecimento cultural não está na repulsa do outro, mas sim na aceitação historiográfica da mescla cultural que compõe a maioria das sociedades latinas.

Gradualmente tomávamos consciência de que a busca de uma identidade cultural não se exauria nos extremos do cosmopolitismo ou do chauvinismo, da promiscuidade ou do isolamento, da civilização ou da barbárie, mas tendia para um equilíbrio inteligente e bem administrado entre o que éramos capazes de tirar do mundo e o que éramos capazes de lhe dar. O debate cultural da independência passou por todos esses dilemas. Tivemos medo de ser nós mesmos, obrigando-nos a ser algo diferente, francês, inglês ou norte-americano. (FUENTES, 2001, pág. 290).

O espírito americano perpassava os mitos fundadores, os heróis que unificaram a nação e com isso faziam a sociedade americana possuir valores baseados na unificação mesmo após a sua independência. Obviamente as colônias do Sul e do Norte ainda protagonizaram guerras civis que quase partiram o país ao meio, mas figuras como Abraham Lincoln e outros personagens surgiam para reforçar tanto a galeria de heróis americanos quanto para preservar o nacionalismo estadunidense.

Uma grande nação estava emergindo, com uma noção de civismo e de patriotismo singular. E era preciso ensinar aos pupilos da nova nação não somente os feitos históricos daqueles que fundaram o país, mas também produzir lugares de memória e obras que mantivessem aceso o ideal americano de nacionalismo. O hino *The Star-Spangled Banner*⁶ foi talvez a primeira produção voltada para o enaltecimento do espírito americano. A letra que exalta a liberdade, as lutas, os heróis, a luta armada para a autonomia do país, as belezas naturais fixam em todos os membros da sociedade a grandeza e a honra de ser estadunidense, nada diferente da exaltação feita no “lábaro que ostentas estrelado” do hino nacional brasileiro.

⁶ “A Bandeira Estrelada” é o hino nacional dos Estados Unidos. A letra da canção foi escrita em 1814 por Francis Scott Key, foi declarada hino nacional por uma resolução do Congresso dos Estados Unidos a 3 de março de 1931. O costume é cantar apenas a primeira parte, empunhando a mão direita sobre o lado esquerdo do peito.

As produções de obras, o hino nacional e a forma de fazer política afirmavam e reforçavam o ego e a alma dos americanos que tiveram grande crescimento com as sucessivas guerras na Europa. Foi justamente no intervalo entre o fim da primeira guerra e o desfecho da segunda que a jovem nação mudou de patamar, se antes era referencia no seu continente passa a ocupar agora cadeira cativa entre as nações que tinham influências mundiais.

Sem entrar na problemática da atuação dos Estados Unidos nas Guerras Mundiais de forma veemente, analisamos que nesse período a propaganda americana de grandeza nunca foi maior, todo estadunidense sabia que sua nação era “a maior do planeta” e o patriotismo unificante sintetizava a sua maior força. Todo americano tinha e carregava consigo os valores dos “pais fundadores”. A cultura norte-americana também passou a impregnar as outras nações. Principalmente por meio da literatura, do cinema e da música, os Estados Unidos souberam, como nenhum outro país, aproveitar-se da lacuna de poder aberta pela crise europeia do pós-guerra. Com isso, os norte-americanos passaram a exportar seu modo de vida, o “american way of life⁷”.

As produções cinematográficas são há muito tempo a principal ferramenta de exaltação do espírito americano. A importância do cinema, da mídia, em idealizar os Estados Unidos como “nação perfeita” e o homem americano como personificação de heroísmo e de patriotismo que fizeram com sua luta e seu suor a grande nação que são, tiveram grande papel na perpetuação do espírito americano para além dos séculos. Talvez a maior exemplificação da produção tanto literária quanto cinematográfica, seja a figura do herói em quadrinhos e do cinema Steve Rogers, ou simplesmente o “Capitão América”.

Neste ponto de análise, do cinema como elo do nacionalismo entre os pais fundadores e os civis do século XXI, nos aproximamos do poder de propagação de mídia dos EUA no que tange a sua autovalorização cultural. O poder de persuasão das telas marcou uma nova etapa no que se refere à propagação ideológica, e chama atenção como os norte-americanos são singulares neste ponto. A aproximação entre história e cinema é brilhantemente observada por Antônio Pedro Tota em sua obra *Os Americanos*, na qual explana de forma rica o poder das grandes telas na sociedade norte-americana, enriquecendo também o poder ideológico por trás de produções como o filme “Capitão América”. Explana Tota (2009);

Nada como o cinema para retratar a cultura americana. Como mencionado no capítulo “Dos ‘anos dourados’ a uma era de incertezas”, é curiosa e verdadeira a

⁷ Depois da Segunda Guerra, uma nova liderança mundial se ergueu sobre os escombros de uma Europa completamente destruída. E não tardou para que os Estados Unidos se tornassem, além de potência bélica, um modelo de sociedade a ser seguida, o padrão do sucesso.

observação de Neal Gabler de que os americanos foram de tal modo capturados pelo entretenimento que já não são capazes de discernir o real da ficção. Todo americano se transforma num "eu" intérprete (TOTA, 2009, pág. 249).

Em entrevista a revista *Veja* na edição de julho de 2011, Joe Simon⁸ o criador do super-herói em 1941, declarou que o personagem representa “tudo o que faz com que os Estados Unidos sejam o melhor lugar do mundo para se viver” e o associou a imagem de um pai fundador da pátria estadunidense relembrando um episódio ocorrido em sua infância para representar tais valores às futuras gerações “Quando tinha oito anos, minha turma recebeu a visita de um ex-combatente da Guerra de Secessão”, lembrou que “o idoso apertou a mão de cada criança no local e disse: ‘Deem a mão a quem a estendeu a Abraham Lincoln’. Isto me marcou para o resto da minha vida e foi assim que empreendi a busca por um super-herói para os Estados Unidos”.

Joe Simon criou a personificação do espírito americano, o Capitão América era o rosto dos *ianques*⁹ representado pelo seu patriotismo. O homem com trajes que fazia alusão à bandeira dos Estados Unidos carregava consigo o amor à pátria semelhante ao dos fundadores da nação e daqueles que deram a vida em prol da liberdade. O filme *Capitão América: o primeiro vingador* se torna uma coroação do personagem que nos quadrinhos já nasceu em uma árdua luta contra o fascismo e nazismo contra a tirania que se personificava no clímax do nascimento da Segunda Guerra Mundial.

Os valores do homem americano foram fundamentados desde o processo de independência, que unificou a nação e criou o sentimento nacionalista baseados nos heróis que serviram de inspiração para o crescimento desenfreado da nação estadunidense. Atrelado a isso, as próprias produções literárias, musicais e cinematográficas reforçaram o sentimento do espírito americano para as demais gerações e para o restante do mundo, em um *marketing* daqueles que tinham o ambicioso desejo de se tornarem uma nação de força mundial.

4. CAPITÃO AMÉRICA: O PRIMEIRO VINGADOR E A PERSONIFICAÇÃO DO ESPÍRITO AMERICANO PARA AS NOVAS GERAÇÕES

O filme *Capitão América: o primeiro vingador* (2011), não pode ser considerado um documento histórico, haja vista que o mesmo não segue uma linha temporal dos fatos que

⁸ Foi um artista de história em quadrinhos. Simon criou ou participou da criação de muitos importantes personagens da Era de Ouro da banda desenhada dos anos 1930 e 1940.

⁹ Está relacionada com os Estados Unidos. Era originalmente remetida aos habitantes dos estados do norte do país.

aconteceram durante o período da Segunda Guerra Mundial, do qual o filme retrata. Porém o filme é rico em outros aspectos que podem ser analisados e comparados, tendo em vista o contexto de fundação do herói e sua simbologia. Assim, faz-se necessário uma análise mais ampla, dos ideais que o filme pode transmitir e daquilo que não está no visível, mas sim em ideias.

A figura do Capitão América, assim batizada em um jogo de valorização nacionalista americano no intuito de enaltecer a nação traz singularidades extremamente valiosas para a perpetuação dos ideais dos pais fundadores da nação. O herói com o nome de América, aparece na *Marvel Comics* (originalmente *Timely Comics*) em 1941¹⁰, que tem por criadores Joe Simon e Jack Kirby.

O Capitão América surge como uma ideologia, um símbolo para motivar a nação e aumentar o sentimento nacionalista, sendo um dos super-heróis construídos a pedido do governo para divulgação dessa ideologia. Assim, foi criado Steve Rogers, um jovem franzino, mas que tinha o desejo de lutar pela sua nação contra o nazismo, em busca da liberdade. O idealismo do personagem em por a sua pátria acima de todas as suas prioridades, a coragem e a vontade de lutar em um período de incertezas e de temor, era a representação ideal da figura do americano que com a iminente guerra que se aproximava iria ocupar um cargo central nesse episódio singular da história da humanidade. Além disso, Steven Rogers sintetizava os ideais históricos do nacionalismo fervoroso do processo de independência. O personagem era a ponte ideal entre os ideais de ouro do passado e os pilares que precisavam ser erguidos para os americanos que iriam derramar seu sangue na luta contra a tirania e a opressão, além do óbvio interesse americano em vencer a guerra. Após várias tentativas em vão de entrar no exército americano, evocando o simbolismo na trama do grande desejo de defender a nação nos ideais do jovem, semelhante aos valores patrióticos dos pais da nação estadunidense, ele conhece um cientista que criou a fórmula do “supersoldado”, o Super-Homem naturalmente americano.

No longa-metragem Rogers aceita ser uma cobaia e a fórmula acaba dando certo fazendo com que o jovem franzino ganhe altura e músculos, o grande contratempo é que na sala onde tudo ocorreu havia um espião de Hitler, que acaba por matar o cientista, assim Steve Rogers se torna o Capitão América, carregando em seu corpo a fórmula do supersoldado, já que o cientista tinha sido morto.

¹⁰ Em 1940 uma versão teste foi pública. Nessa época os autores temiam a morte de Hitler antes da publicação da versão final.

Nesse sentido ideológico da figura do Capitão América, seu escudo, porta as cores dos EUA, significando a “defesa”, o que retratava a política norte-americana. Outra figura no filme seria o Caveira Vermelha (representação do inimigo) que também tomou o soro, porém como o soro além de aumentar o físico de alguém consegue aumentar seus ideais, no caso do vilão seu ódio e sua raiva. Já em Steve Rogers a sua vontade de lutar pela sua nação, cria-se os pólos de um lado valores sociais e políticos do povo americano e do outro lado a representação do mal deixando bem fixado nos apreciadores da obra a distinção entre o “bem e o mal”¹¹, “EUA contra os nazistas”. Vale salientar ainda que no filme existe uma versão para o nazismo, denominado de Hidra. Logo, no sentido de defesa, os EUA estavam prontos com o Capitão América para se defender, enquanto a Hidra se preparava para o ataque.

Sabemos que durante a Segunda Guerra, havia certa “neutralidade” dos EUA, logo quando a França perde para a Alemanha, fazendo com que a Inglaterra, agora sozinha, buscasse ajuda americana, o que não agradou Hitler. Com o ataque japonês a Pear Harbor, os EUA entram de vez na Segunda Guerra, mas o exercito americano precisaria de pessoas. Como conseguir convencer jovens para tal missão? O governo americano aproveita a situação para fazer campanhas publicitárias para convocar os jovens, e no filme isso se dá através de Steve Rogers estampado em capas de jornais e encorajando os jovens a lutarem pela sua nação, se tornando um garoto propaganda para os jovens heróis que lutariam em mundo real, mas eram os super-heróis que seriam os protagonistas de uma guerra. A inquietude do personagem, porém, chama a atenção. Visto que em boa parte do filme o mesmo atua apenas como garoto propaganda, o que não lhe agrada muito, pois o seu desejo é lutar ao preço da vida pelos valores sociais, morais e pela pátria estadunidense, mais uma vez os valores do movimento de independência ganham perpetuação, agora nas telinhas.

A figura do super-herói retratada, nesse contexto, tem habilidades que um humano normal não possui. Porém ele luta contra vilões que também tem habilidades, na qual através de uma análise podemos observar que até mesmo os super-heróis enfrentam dificuldades, mas no fim conseguem vencer o mal, ou seja, não importa quão forte seja o inimigo os heróis americanos sempre irão conseguir vencer. O jogo político, cultural e de valores do personagem aqui trabalhado perpassam os tramites do cinema hollywoodiano e se configuram como uma forma de reforçar a identidade americana construída desde o movimento de independência.

¹¹ Todos aqueles que fossem contra a sua nação de origem, no caso, aqueles que eram contra os EUA.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O processo de independência americana é marcado por jogos de interesses de diversos grupos e Estados diferentes, que nem sempre tinham o mesmo objetivo, buscando o que era melhor para cada grupo de maneira individual. Nesse processo, por exemplo, os índios são deixados de lado. Ora, se eles seriam os “verdadeiros donos da terra”, como esse sentimento patriótico surge por uma terra que foi “conquistada”? Logo esse presente artigo busca situar, mediante à essa indagação, como é construído o sentimento de patriotismo do americano. Indo além do estudo do processo de independência, observando também como as grandes telas de cinemas ajudaram nesse processo, fazendo com que ainda hoje o Tio Sam¹² seja propagado, firmando ainda mais esse sentimento patriota.

O filme *Capitão América: o primeiro vingador* (2011) faz bem o seu papel nesse sentindo, demonstrando além da figura do super-herói americano como propaganda, demonstra o prazer que o mesmo tem de ir até o campo de batalha e lutar pela sua nação.

A problematização da Segunda Guerra no filme não é nada por acaso, o filme retrata o lado “vencedor”, a ascensão de uma das maiores nações do mundo, que com o advento da Segunda Guerra Mundial se consolidou como uma sociedade que exporta padrões, valores e normas sociais. Esse desejo de autossuficiência pode ser observado desde os primeiros heróis americanos, e comumente pode-se observar a chama ideológica dos pais fundadores ainda queimando em novas figuras, sejam heróis animados ou figuras que acabam emergindo historicamente. Esse debate, sobre os jogos de interesses nas produções cinematográficas, cartunistas e plataformas midiáticas em geral necessita de uma análise minuciosa. No contexto do Capitão América, aqui evocado, para exemplificação do nosso estudo não é relevante o fato de quem venceu ou perdeu a Guerra no enredo do filme, mas mostrar que mesmo em história em quadrinhos e filmes voltados para crianças e jovens existem interesses editoriais e políticos, que por muitas vezes passam despercebido pela maioria das pessoas.

A periodização é um processo útil e necessário para compreender a evolução dos super-heróis. Através dela, podemos observar as grandes mudanças no universo ficcional dos super-heróis e, desta forma, entender o que provocou tais mudanças. Obviamente que a historicidade da sociedade e, portanto a periodização da história da superaventura está intimamente relacionada com a historicidade da sociedade moderna. (VIANA, 2007)

O espírito americano é cultuado, então, desde o processo de independência, e a consolidação da sociedade estadunidense se firma nesses valores nacionalistas perpetuados

¹² Personalização nacional dos Estados Unidos.

como representações de moral e civismo importantíssimos para a unificação do país que veio a se tornar uma das maiores potências mundiais baseado nesses valores. O nacionalismo norte-americano é uma construção que perpassa o processo de independência e chega aos civis do século XXI em uma combustão tão viva quanto a chama que explodiu o movimento de repulsa aos colonizadores em 1776, exaltando neste movimento uma constante valoração da memória e da simbologia de ser estadunidense.

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Trad. Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

CAPITÃO América: o primeiro vingador. Direção: Joe Johnston. Produção: Kevin Feige. Paramount Pictures (2011)

FERNANDES, Nathan. "O '*american way of life*' está atrelado a um padrão de beleza e gênero". **Galileu**, 17 jan 2018. Disponível em: <https://revistagalileu.globo.com/Sociedade/noticia/2018/01/hollywood-paulo-cunha.html>. Acesso em 01 de Jun 2018.

FUENTES, Carlos. **O espelho enterrado**: (reflexões sobre a Espanha e o Novo Mundo) / Carlos Fuentes; tradução de Mauro Gama; - Rio de Janeiro Rocco, 2001

KARNAL, Leandro. MORAIS, Marcus Vinícius de. FERNANDES, Luiz Estevam. PURDY, Sean. **História dos Estados Unidos**: das origens ao século XXI/ - Leandro Karnal. – São Paulo: Contexto, 2007.

MIDDLETON, Richard. **Guerra da Independência dos Estados Unidos da América, 1775-1783**/ Richard Middleton. – São Paulo: Madras, 2013.

NOVA, Cristiane. **O Cinema e o Conhecimento da História**. O Olho da História, Salvador, v. 2, n.3, p. 217-234, 1996.

RANALDY, Romain. Em 1941 Joe Simon criou o Capitão América, 'o super-herói que os EUA esperavam'. In: *Veja*, São Paulo, jul 2011. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/entretenimento/em-1941-joe-simon-criou-o-capitao-america-o-super-heroi-que-os-eua-esperavam>. Acesso em: 18 set. 2019.

SCHVARZMAN, Sheila . **Cinema Brasileiro**: História e Historiografia. São Paulo: Mnemocine.com.br, 2008.

TOTA, Antônio Pedro. **Os Americanos** / Antônio Pedro Tota. – São Paulo: Contexto, 2009

VIANA, Nildo. Breve História dos super-heróis. In: REBLIN, Iuri e VIANA, Nildo (orgs.). **Super-Heróis, Cultura e Sociedade**. São Paulo: Ideias e Letras, 2011